

ISSN: 1983-8379

## Sóror Juana Inés de la Cruz A mulher na cidade das letras

Gracinda Vieira Barros<sup>1</sup>

**RESUMO:** A obra de Sóror Juana Inés de la Cruz é um conjunto vasto e heterogêneo. Depois de mais de vinte anos como freira e poeta, é obrigada a abdicar de seus estudos e sua produção intelectual após defender abertamente sua vocação individual e sua condição de mulher intelectual, na carta Respuesta a Sor Philotea de la Cruz. Este trabalho pretende uma análise da Respuesta e das tramas políticas que se desenvolveram a partir de sua divulgação.

**Palavras-Chave:** Sóror Juana; Respuesta a Sóror Philotea

**ABSTRACT:** The bibliography of Juana Ines de la Cruz is vast and heterogeneous. After more than twenty years as a nun and poet, is forced to give up his studies and intellectual production after openly defend their individual vocation and his position of intellectual woman, in a letter sent to ecclesiastical authority, entitled Respuesta a Sor Filotea of la Cruz. This paper intends to an analysis of Respuesta and the consequences of this letter.

**Key-Words:** Sor Juana; Respuesta a Sor Philotea

### Introdução

Sóror Juana Inés de la Cruz é um dos maiores nomes da poesia de língua hispânica até hoje. A freira viveu na Nova Espanha no final do século XVII e foi uma figura de grande influência cultural e política.

A vida se Sóror Juana atravessa importantes períodos da colônia espanhola e, através de sua obra, extraímos momentos significativos não apenas da formação intelectual da mulher, mas da formação intelectual da elite *criolla* e os limites impostos pela Igreja a essa formação.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Estudos Literários pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora



## 1. Cidade das Letras

Uma observação muito interessante em relação à Nova Espanha é a de Richard Morse, que mostra-nos que o ápice religioso da colônia coincide com a perda de forças na metrópole. No que diz respeito à religião, no momento em que o catolicismo espanhol perde sua capacidade de adaptação na Europa, encontra nas terras americanas espaço e condições para se estender e se revitalizar através do sincretismo religioso. A evangelização de povos pagãos, como justificativa para a conquista e a colonização do território americano, fez com que o catolicismo ocupasse o centro da sociedade novo-hispânica no momento em que começava a declinar na Espanha.

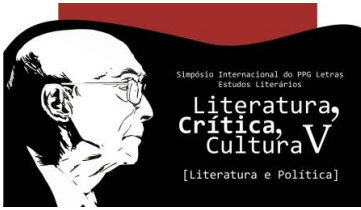
No plano econômico, como observado pelos pesquisadores Enrique Florescano e Isabel Gil Sánchez, o século XVII foi marcado por uma grave crise no comércio espanhol que acabou influenciando diretamente na decadência do império. Mas as observações seguem com dado elucidativo sobre a disparidade comentada por Morse, essa crise comercial, favoreceu a Nova Espanha que “pode satisfazer cada vez mais suas necessidades internas e atender menos as da metrópole”.<sup>2</sup> O contraste também se dá no plano político: a estabilidade e a calma do vice-reinado com os constantes distúrbios do reinado de Felipe IV e Carlos II.

A Nova Espanha não só absorveu a cultura hispânica, como a modificou substancialmente. No entanto, apenas uma minoria da população era, no sentido limitado da palavra, culta. Uma minoria tinha acesso a universidade ou às instituições religiosas que eram também grandes instituições educativas.

Em outro foco, a corte era também um pólo de difusão artística. A corte tinha um gosto refinado que em nada devia aos grandes senhores europeus. Essa aristocracia se compara com uma classe sacerdotal. Segundo Angel Rama, a elite letrada constituía na Nova Espanha um corpo fechado, uma *Cidade das Letras*<sup>3</sup>, responsável pela distribuição e manutenção do poder político na colônia, ocupando cargos administrativos e servindo de elo entre a Nova Espanha e a

<sup>2</sup> FLORESCANO, Enrique e SÁNCHEZ, Isabel Gil. *História general de México*, tomo II, parte II, pp.185, México, 1976.

<sup>3</sup> RAMA, Angel. *A cidade das Letras*. Ed. Brasiliense. São Paulo: 1985.



ISSN: 1983-8379

Espanha. A Cidade das Letras monopolizava a política e as atividades intelectuais na Nova Espanha, reduzindo a participação popular a uma atitude religiosa passiva.

Os séculos da Colônia mostram reiteradamente a surpreendente magnitude do grupo letrado que em sua maioria constitui a frondosa burocracia instaladas nas cidades a cargo das tarefas de comunicação entre a metrópole e as sociedades coloniais, portanto girando no alto da pirâmide em torno da delegação do Rei (RAMA, 1985, p. 37).

Ainda de acordo com Rama, os letrados não apenas serviam a um poder, como eles mesmos detinham esse poder, compondo uma rede que através da administração das leis, instituiu a ordem. Os jesuítas também estavam presentes nesse “topo de pirâmide”, sendo os maiores responsáveis pela educação dessa elite.

Podemos destacar dois fatores decisivos para a força da Cidade Letrada: a exigência de uma vasta administração colonial e a necessidade da evangelização. Essas duas tarefas prescindiam um grande número de letrados trabalhando na colônia.

A produção cultural na Nova Espanha, principalmente sua literatura era excludente, acadêmica, religiosa e nas palavras de Paz: hermética e aristocrática. Além disso, era um mundo fechado, onde transitavam os homens dessas elites, nunca as mulheres.

Como nos mostra Octávio Paz, na mais completa biografia de Juana Inés, antes de se tornar freira, foi dama de companhia da Vice-Rainha Leonor de Carreto e a partir dessa vivência, se integrou a uma rede de aliados pertencentes a mais alta elite política e eclesiástica, que não apenas possibilitaram, mas também divulgaram seus escritos, como a Vice-Rainha posterior, a Condessa de Paredes, responsável pela publicação de sua obra na Europa.

Juana Inés não só desenhava seu espaço numa elite letrada pertencente aos homens, como também se apoderou das formas masculinas da cultura barroca de sua época, usando a teologia como arma política, como nos mostra na *Carta* e utilizando com maestria os conceitos escolásticos, a sutileza, a ironia e a abstração.

A escritora também se distinguiu por usar a fala popular de mulatos e criollos e até mesmo a língua nativa, o náuatle, em seus poemas e tratados, movida pela estética universalista do catolicismo barroco. Sórora Juana também utilizava com frequência em seus poemas os



ISSN: 1983-8379

trocadilhos e liberdades ortográficas típicas do estilo barroco como verbalizar substantivos e a substantivar verbos, acumular três adjetivos sobre um único substantivo e reparti-los por toda a oração, além das referências mitológicas usadas em meio à poesia ou argumentação.

## 2. Teias políticas

### 2.1 A Carta Atenagórica e a Respuesta

Em novembro de 1690, circulou em Puebla um folheto intitulado: *Carta atenagórica*<sup>4</sup> de La madre Juana Inês de La Cruz, religiosa de velo y coro em El muy religioso convento de San Jerônimo... *Que imprime y dedica a La misma sor Philotea de La Cruz, su estudiosa aficionada em El convento de la Santíssima Trindad de la Puebla de los Angeles*. Trata-se de uma crítica ao Sermão do Mandato<sup>5</sup>, do Padre jesuíta Antônio Vieira. A linguagem da Carta é simples, as frases são curtas e os argumentos fixados de forma bastante objetiva, num texto teológico polêmico e denso.

Sóror Juana ressalta com ironia na Carta, a indignidade de seu sexo e acrescenta ela mesma foi apenas um “frágil instrumento” com que Deus castiga a soberba do autor jesuíta.

A questão da crítica ao sermão do Padre Antônio Vieira ultrapassa o valor do debate teológico. Sóror Juana ao fazer essa crítica estava atacando uma das pessoas mais importantes de um determinado grupo: os jesuítas. O Padre Antônio Vieira era, além de jesuíta, um amigo do Arcebispo da Cidade do México, Aguiar Seijas, a maior autoridade religiosa da Nova Espanha e também o maior crítico das atividades intelectuais da freira-poeta.

A Carta foi precedida por outra, escrita por Sóror Philotea, que se dizia “estudiosa de poesia” e oscila entre o elogio e uma orientação quase severa aos estudos de Sóror Juana. Segundo Octávio Paz, a carta de Sóror Philotea mostra que Sóror Juana já não se mantinha na condição de súdita e seu objetivo é trazê-la de volta ao caminho da obediência.

---

<sup>4</sup> Athenagórica significa digno da sabedoria de Atenas.

<sup>5</sup> Um dos mais importantes sermões do jesuíta Antonio Vieira, em que empreende uma discussão teológica a respeito do amor e das “finezas” de Cristo.



ISSN: 1983-8379

Sóror Philotea é na verdade, um pseudônimo para o Bispo de Puebla, Fernandez de Santa Cruz, amigo de Sóror Juana, que segundo Paz era um político cauteloso e um religioso de carreira bastante sólida. Existia entre esses dois bispos uma forte rivalidade potencializada pela nomeação de Aguiar Seijas para o bispado da Cidade do México, o mais importante da Nova Espanha.

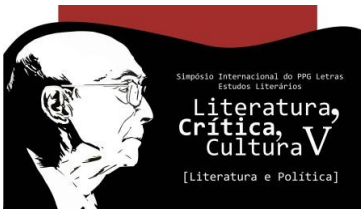
O prólogo de Sóror Philotea repreende Sóror Juana pelos seus estudos profanos. Segundo José Maria Cossío, é possível que existisse um acordo prévio entre Sóror Juana e o Bispo de Puebla. Este, ao repreender a freira, adiantava-se às críticas de seus inimigos e criava a condição para sua defesa. Mas nem mesmo o bispo foi capaz de prever qual seria a resposta de Sóror Juana a essas críticas e ao próprio prólogo de Sóror Philotea.

A *Respuesta a Sóror Philotea de la Cruz* tem a data de 1º de março de 1691. Aproximadamente quatro meses após a publicação da *Carta Atenagórica*. É uma unanimidade entre os pesquisadores do tema, que a *Respuesta* é um documento único na literatura hispânica e a sua idéia inicial é exatamente responder ao Bispo de Puebla as orientações quanto à instrução da mulher ao saber profano. Apesar de não poder dizer que eram iguais ou superiores as sagradas, pois isso a levaria para a Inquisição, Sóror Juana rebate ao bispo e a seus adversários a validade e a importância do saber profano.

Desde que me raiou a primeira luz da razão, foi tão veemente e poderosa a inclinação pelas letras, que nem alheias repreensões (...) nem próprias reflexões (...) bastaram para que eu deixasse de seguir esse impulso natural que deus pôs em mim: Sua Majestade sabe por que e para quê; e sabe que lhe pedi que apague a luz de meu entendimento, deixando só o que basta para guardar sua Lei, pois o demais sobra, segundo alguns, numa mulher (DE LA CRUZ, 2004, p. 136).

Seu relato fala de sua infância e sua sede por conhecimento, suas leituras na biblioteca do avô, seu amor aos estudos e sua escolha pela vida de religiosa. Argumenta também que sem a lógica, retórica, música, geometria, história, direito, mecânica e uma infindável gama de ciências, é impossível entender determinados trechos das Escrituras Sagradas.

Sóror Juana, em sua defesa, cita também muitos nomes de mulheres sábias desde a antiguidade clássica até as mulheres de sua época. A poetisa pende a todo o tempo em sua resposta, entre o cristianismo e o feminismo, entre a teologia e a filosofia. Apoiada em filósofos e



ISSN: 1983-8379

até mesmo teólogos contemporâneos, Sórora Juana defende a capacidade da mulher de estudar e ensinar as Escrituras, rejeitando a idéia comum da inferioridade do intelecto feminino e adotando um caráter não só de confissão, mas uma defesa de suas paixões. A *Respuesta* a Sórora Philotea ao invés de uma retratação de obediência, foi refutação que segundo Paz, ainda espera uma contestação.

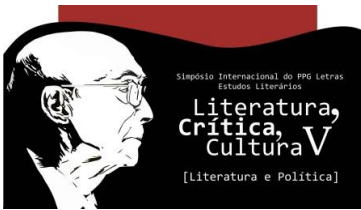
*Respuesta* só foi publicada em *Fama y obas postumas* em 1700, mesmo tendo circulado entre os letrados de sua época. Para Sórora Juana as conseqüências, mesmo sem a publicação de tal escrito, foram fortes e ásperas. Seu antes aliado, o Bispo Fernández de Santa Cruz calou-se sobre a *Respuesta* e retirou-lhe sua proteção provavelmente por temer irritar ainda mais o arcebispo da Cidade do México e os jesuítas. Além disso, para o prelado, a freira havia se mostrado uma mulher obstinada e desobediente. Para Paz “A freira encarnava uma exceção dupla e insuportável: a de seu sexo e a de sua superioridade intelectual”

Num primeiro momento a reação de Aguiar Seijas foi a indiferença em relação a *Respuesta*. Indiferença calculada por um posicionamento político cuidadoso, pois apesar de ser o arcebispo da Cidade do México, não era sensato entrar em conflito com os protetores de Sórora Juana. O Marques de la Laguna, amigo mais poderoso da freira, não era apenas o vice-rei da Nova Espanha, era também irmão do primeiro ministro do rei, o duque de Medinaceli. Após o retorno dos marqueses de la Laguna para a Espanha, Sórora Juana conquistou a simpatia e o apoio do Conde de Galve, novo vice-rei. Além disso, ainda contava com o apoio da Condessa de Paredes, esposa do Marques de la Laguna, sua editora e divulgadora de seus escritos na Espanha.

## 2.2. Reviravolta

“Mas outro poder – sem rosto, sem nome: sorte, destino, história? – esperava numa esquina do tempo.” (PAZ, 1998, p. 563)

No verão de 1691, a capital do México ficou inundada devido a chuvas constantes. A inundação fechou as estradas e acabou com as plantações. Casas desmoronaram e o Vale do



ISSN: 1983-8379

México ficou desprovido por semanas, de alimentos, lenha, carvão, pão e trigo. Essa situação levou ao monopólio, especulação e carestia dos poucos produtos disponíveis.

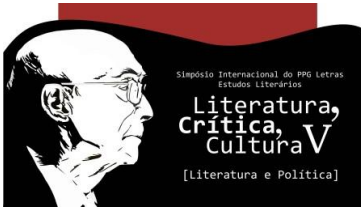
Diante da passividade dos governantes, o povo apoiou-se na superstição e na fé. Houve flagelos públicos e incansáveis procissões.

A crise prolongou-se até 1692 sem que o governo conseguisse contorná-la. Obviamente os mais afetados por ela eram os pobres, mas seus porta-vozes eram os crioulos e clérigos. A tensão causada pela escassez cresceu até que em 8 de junho uma multidão de dez mil pessoas de “todas as castas” aglomerou-se às portas do palácio e o incendiaram. As ordens religiosas não intervieram por medo de se tornarem vítimas do povo enfurecido. Após incendiarem o palácio e a prefeitura, a multidão seguiu para a praça, onde pilharam o comércio.

No auge da pilhagem, um fato curioso ocorreu: um sacerdote saiu da catedral com o Santíssimo Sacramento rodeado de coroinhas e clérigos e os amotinados se ajoelharam para passar o símbolo sagrado. Outro clérigo pregou ao povo na língua náuatle e foi ouvido com respeito. Como não existia um grupo que organizasse a revolta popular e encabeçasse um movimento por reformas, o motim por si só se dispersou assim como a cólera dos amotinados. No entanto esse episódio deixou clara a fragilidade do poder dos vice-reis e em contrapartida o poder da Igreja sobre as mentes da população.

O tumulto de 1692, o mais grave entre todos o que sofreu a Cidade do México durante o regime vice-reinal, foi a expressão de uma profunda crise histórica que abarcava o corpo social e as instituições, bem como a cultura superior.”(PAZ, 1998, p. 601).

A Igreja fortaleceu-se como base de todas as outras instituições, numa sociedade que tragédias naturais como enchentes ou secas eram vistas como castigos divinos, as medidas espirituais como procissões e excomunhões eram comprovadamente eficazes. Aguiar y Seijas era a mais alta eclesiástica do país, a autoridade mais respeitada pelo povo, após o descrédito da administração do vice-rei reforçado pelo tumulto de 1692.



ISSN: 1983-8379

Assim um fato público inesperado, interferiu solidamente na vida de Juana Inês. Outro acontecimento isolado e definitivo vinha da Espanha: a morte de Don Tomás de la cerda, o Marques de la Laguna, marido de Maria Luísa, a Condessa de Paredes.

Os laços de proteção de Sórora Juana romperam-se um a um. Primeiro, o silêncio do aliado bispo de Puebla, a crise institucional do palácio vice-reinal, a ascensão de Aguiar Seijas como a autoridade mais respeitada da Nova Espanha e por fim a morte do Marquês de la Laguna. Sórora Juana estava cercada de prelados poderosos e hostis e dentro de seu próprio convento, de freiras fanáticas.<sup>6</sup>

### 3. Confissão, abjuração e castigo

Diante de seu isolamento, Sórora Juana busca a saída mais sensata. Sem nenhum apoio e já sem influências suficientemente fortes para protegê-la de Aguiar Seijas, Juana buscou se reconciliar com seu meio através de seu confessor Nuñes de Miranda e isso funcionou. Ele a encorajou a submissão e a castigou com o que era para ela, o pior castigo. Em 17 de fevereiro de 1694, a freira confessou seu erro e assinou a abjuração, abdicando de todos os seus estudos e atividades literárias. Nos dias seguintes ela entregou seus livros e instrumentos musicais e científicos para o arcebispo.

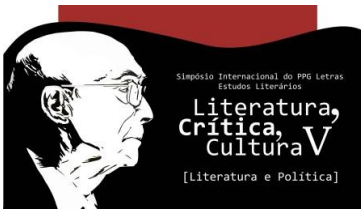
Cerca de dois anos mais tarde, desaparecem os protagonistas de todos esses acontecimentos. Nuñes de Miranda morre em 1695 por um resfriado que se complicou. Sórora Juana Inês de la Cruz morre dois meses depois numa epidemia no Convento de San Jerônimo às quatro da manhã do dia 17 de abril. A freira passara os dias anteriores cuidando de suas irmãs doentes, até que ela própria adoeceu. Segundo Calleja, a mortalidade foi alta: morrerem nove a cada dez freiras que adoeceram.

### Considerações Finais

---

<sup>6</sup> PAZ, Octávio. Sórora Juana Inês de la Cruz: As armadilhas da fé, São Paulo Editora Mandarim, 1990. p, 629.





ISSN: 1983-8379

Entre as muitas contradições entre Sórora Juana e sua sociedade podemos destacar duas que explicitam seu conflito pessoal: o primeiro era a vida religiosa e sua vocação intelectual. Ainda que a Nova Espanha se mostrasse razoável com escritores e poetas, um religioso com essa vocação deveria se deter a temas teológicos e morais. Sórora Juana, como já visto, interessava-se por temas profanos e possuía o que Octávio Paz chama de uma “curiosidade enciclopédica”. O segundo ponto, e talvez o principal, era sua condição de mulher, fato que causava incômodo e admiração em seu meio. Ao mesmo tempo em que era chamada de Décima Musa e fênix da América, era condenada por elação ao estudar seus temas profanos.

Sórora Juana não se interessava apenas pelo saber da religião, *Respuesta* deixa claro que a poetisa desejava avançar pelo desconhecido e estabelecer ligações entre todas as ciências. Essa obra é um marco na produção intelectual não apenas de Sórora Juana, mas na literatura hispânica em geral.

*Respuesta* pode ser vista como o limite da vocação individual na ordem colonial, uma defesa à consciência intelectual da mulher inserida numa tradição, onde o conhecimento especialmente no caso de uma mulher é o caminho para a perdição da alma. Ao fazer essa defesa, como já observado por Paz, Sórora Juana torna-se uma figura moderna em meio a uma sociedade fechada. Nesse ponto, os dirigentes dessa sociedade fazem com que a freira recue e abdique de sua vocação, reforçando a ordem colonial como um mundo em que cada um ocupa seu lugar e experiências individuais não são bem-vindas.

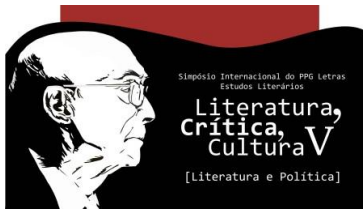
## Referências

ARROYO, Anita. América en su literatura. Porto Rico, Editorial Universitaria:1978.

BEUCHOT, Maurício Puente. Sórora Juana: uma filosofia barroca. México, Editorial Universitario Del Universidad autónoma Del Mexico, 2001.

DE LA CRUZ, Sor Juana Inés. Obras Completas de Sor Juana Inés de la Cruz. México:Fondo de Cultura Económica, 2004.

DOMINGUES, Beatriz Helena. Tradição na modernidade e modernidade na



ISSN: 1983-8379

tradição. A modernidade ibérica e a revolução copernicana. Rio de Janeiro, COPPE, 1996.

MORSE, Richard M. O espelho de Próspero: Cultura e idéias nas Américas. São Paulo: Companhia das Letras, 1982.

PAZ, Octávio. O Labirinto da Solidão. São Paulo, Editora Paz e Terra, 1984.

\_\_\_\_\_ Sóror Juana Inês de la Cruz: As armadilhas da fé. São Paulo Editora Mandarim, 1990.

RAMA, Angel. A Cidade das Letras. São Paulo, Editora Brasiliense, 1985.

VASCONCELOS, José. Breve Historia de México. Cidade do México, Compañía Editorial Continental, S.A., 1956.